



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Cura cantada: as benzedadeiras de São Gonçalo dos Campos e as folhas de cura

Ana Caroline Almeida Marques¹; Marta Alencar dos Santos²

1. Ana Caroline Almeida Marques, PIBIC/FAPESB, QUIMICA, e-mail: itscarolalmd@outlook.com

2. Marta Alencar dos Santos, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: masantos1@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização Científica; Mulheres Benzedadeiras; Oralidade;

INTRODUÇÃO

Os saberes ancestrais, conhecidos como tradição oral, são parte de tudo o que os ancestrais conheceram e transmitiram de geração para geração. Para Amadou Hampaté Bâ (2010, p.167), a tradição oral trata da herança de conhecimentos de toda espécie, que são “pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longe dos séculos”, portanto, é evidente que a tradição oral ainda reside nas memórias dos nossos mais velhos e mais velhas.

As histórias de Benícia Cerqueira e Almeida e Maria Zilda dos Anjos Santos, mulheres benzedadeiras que compõe o corpus desta pesquisa, carregam consigo identidades e conhecimentos que são de importante relevância para a sua continuidade da prática de benzedura uma vez que, essas mulheres conhecem os segredos das plantas e da oralidade expressa nas rezas e cânticos para benefícios do corpo e do espírito. Segundo Ferreira (2022), no período colonial, o conhecimento ancestral das plantas garantiu a sobrevivência de povos ameríndios e africanos. Entretanto essas práticas foram marginalizadas, endemoniadas e oprimidas com a catequização e a imposição do catolicismo ocidental. Por conta desse sistema opressor colonial e racista, a cultura do benzimento com folhas específicas, juntamente com a entoação de cânticos e rezas foi ficando cada vez mais escassas nos espaços urbanos e até mesmo em espaços rurais onde o racismo religioso é impetrado sobretudo, pelas religiões neopentecostais (CAMURÇA; RODRIGUES, 2022, p. 6-30). Apesar disso, foi e é nos terreiros de candomblé e em algumas comunidades rurais tradicionais que estes saberes são resguardados pela via das mulheres benzedadeiras, em sua maioria.

Grande parte da subvalorização e até mesmo a negação dos saberes de cura gerados na América Latina é atribuída à colonialidade, isto é, ao legado histórico e cultural deixado pelo colonialismo europeu, o processo de colonização teve um impacto profundo na maneira como os indivíduos colonizados viam a si mesmos e ao mundo ao seu redor, ou seja, eles foram levados a ver a si e suas culturas através da lente do colonizador, o que demonstra por exemplo a escassez de mestras benzedeira em muitas comunidades (FERREIRA, 2022, p.15).

Neste sentido, esta pesquisa também se assentou nas discussões trazidas pelos estudos da decolonialidade, uma vez que esta abordagem nos ajuda a compreender o resultado da imposição das perspectivas eurocêtricas, como também busca criar novas formas de conhecimento que vão além das perspectivas do colonizador, como a valorização de saberes indígenas e negros que foram suprimidas pelo colonialismo (FERREIRA, 2022, p.16). Dentre esses saberes podemos citar as benzeduras com seus cânticos e rezas e o conhecimento ancestral de folhas.

Vale ressaltar que, a oralidade e a linguagem não estão distantes das ciências naturais. Para o autor Áttico Chassot (2003, p.91) “ser alfabetizado cientificamente é saber ler a linguagem em que está escrita a natureza.” portanto, a leitura de mundo dessas mestras e o seu conhecimento á respeito das plantas, rezas e curas, contribuem para a construção do conhecimento científico que é compartilhado de geração em geração. Entretanto, o ensino científico descontextualizado, que ainda se faz presente nas escolas, insinua que a “ciência” é algo distante e restrita apenas às teorias e aos grandes cientistas, quando na realidade ela, a ciência está no contexto diário, no simples ato de fazer um chá para curar uma enfermidade, ou na reza para amenizar uma dor de cabeça. Essa dimensão da invisibilidade dos saberes das mestras e mestres benzedeiras se conecta numa escala global da colonialidade do ser e saber em que as sujeitas e sujeitos fora do eixo europeu ocidental, não seriam capazes de produzirem ciência e no caso específico, ciências de cura.

Os saberes das mestras Dona Benícia Cerqueira e Almeida e Maria Zilda dos Anjos Santos contribuem para a alfabetização científica de toda uma comunidade, visto que para Chassot (2003, p.90) “é preciso considerar os aspectos sociais, regionais e culturais do indivíduo para o ensino das ciências naturais”. Desse modo, os saberes narrados pelas mestras benzedeiras e sustentados de geração em geração pela tradição oral são de extrema importância para a alfabetização científica dos territórios em que as mestras atuam, pois o aprendizado em ciências precisa acontecer de forma contextualizada com o meio no qual o indivíduo vive isto é, a partir das experiências de vida, saberes pré-estabelecidos e visões de mundo. Dessa forma, a alfabetização científica atua na perspectiva de inclusão social, tornando a ciência uma linguagem de fácil compreensão a todos os indivíduos possibilitando de forma descomplicada a interpretação do mundo natural.

Para investigar a profundidade desses saberes e sua relevância para a alfabetização científica, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar os cânticos e os saberes sobre plantas das benzedeiras das comunidades rurais Tapera de Mercês e Fazenda Coqueiro, no município de São Gonçalo dos Campos-Ba, a fim de contribuir para a manutenção e a alfabetização científica dessas comunidades. Para isso, buscou-se conhecer as mestras, suas histórias de vida e seus repertórios de tradição oral; reunir e catalogar os cânticos e rezas de acordo com o Sistema de Classificação de Arne-Thompson (ATU); e catalogar as plantas utilizadas, evidenciando seus princípios químicos e seus benefícios para a saúde e o bem-estar, contribuindo para a valorização desses saberes e do papel das benzedeiras.

METODOLOGIA

Tendo em vista que trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, apoia-se nas discussões de Godoy (1995, p. 21) que enfatiza que a pesquisa qualitativa entende um fenômeno a partir do contexto no qual ele ocorre e do qual faz parte, através de pesquisas de campo captando informações de acordo a perspectiva do sujeito que está inserido no meio, ou seja, é necessário adentrar de corpo no meio de pesquisa a fim de captar informações e coletar dados. Diante dessa afirmação, esta pesquisa teve como finalidade recolher a história de vida de mulheres benzedeiras, cânticos e rezas faladas utilizadas por elas, como também reafirmar a sua importância para a manutenção da memória, identidade e alfabetização científica da comunidade.

A recolha dessas histórias ocorreu por abordagem autobiográfica, que para Cavalcante (2017 p.1692) é um método de pesquisa em educação, onde a construção do conhecimento se dá através da narrativa das experiências do próprio sujeito. Segundo Rocha (2010, p.82), “integrado ao seu grupo social, o contador ao narrar compartilha com seus ouvintes os saberes que unem aquela comunidade. Os valores, os símbolos e o universo temático das histórias de seu repertório comungam com o modo de pensar e viver do povo que representa sua plateia”. Nesse sentido, os encontros foram seguidos por entrevistas semi estruturadas, onde as mestras

compartilhavam suas histórias de vida, repertórios da tradição oral e seus conhecimentos sobre rezas e plantas. Para garantir que as benzedeiras se sentissem à vontade, as entrevistas foram gravadas ao ar livre no quintal da casa de Dona Benícia. O registro audiovisual que posteriormente serviu como aporte para a produção do mini documentário, foi feito utilizando uma câmera fotográfica específica para gravação, um microfone e um smartphone, fotografias das mestras com as folhas de cura também foram registradas como forma de celebrar a centralidade dos seus papéis e documentar suas identidades e conhecimentos.

Dando continuidade à análise das histórias de vida, o estudo se concentrou na reunião das rezas e cânticos de benzedura, que foram posteriormente transcritos, catalogados e classificados de acordo com o Sistema Aarne-Thompson (ATU).

Para documentar o conhecimento botânico das mestras, as plantas medicinais citadas foram inventariadas em um catálogo digital. Intitulado “Cura Cantada: As folhas de cura”, o material funciona como um catálogo focado nas plantas dos cânticos e chás indicados pelas mestras, e consiste em identificar por meio de pesquisa bibliográfica nas plataformas Scielo e Google Scholar: a toxicidade, nome científico, os princípios químicos ativos dessas plantas, e os usos medicinais e farmacológicos.

O mini documentário foi editado em um computador com software profissional, totalizando 28 minutos de duração. Para conferir acessibilidade a um público mais amplo, o material foi legendado. A exibição-teste foi realizada na Escola Municipal Monteiro Lobato, em Feira de Santana, Bahia, para turmas do Programa EJA, devido à impossibilidade de exibição na comunidade de São Gonçalo dos Campos e a falta de retorno da Escola Municipal localizada no centro da cidade. A publicação do minidocumentário no site do Cacimba de Histórias será realizada em uma data posterior, após a conclusão dos ajustes na plataforma do grupo de pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa buscou catalogar os saberes ancestrais das benzedeiras para demonstrar como a tradição oral mantém o conhecimento vivo e para contribuir para a desconstrução de visões coloniais e racistas. A produção de um mini documentário foi a ferramenta central para essa meta, já que o material pode atuar como uma ferramenta didática para fomentar o pensamento crítico dos estudantes.

A inviabilidade da exibição do documentário em São Gonçalo dos Campos, devido ao fechamento de uma escola e à falta de retorno de outra instituição, pode ser um sintoma do racismo religioso e da marginalização histórica dos saberes ancestrais. A visão hegemônica que por séculos associa o conhecimento de pessoas negras à "bruxaria" ainda persiste na sociedade. Além dessa estigmatização, a benzedura enfrenta barreiras legais, sendo criminalizada pelo Artigo 284 do Código Penal: “Exercer o curandeirismo: I – prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnóstico: Pena – detenção de seis meses a dois anos.” Essa legislação, conforme descrito por Federici (2018, p. 364), se alinha a um processo histórico de repressão no qual, “Com a perseguição à curandeira popular, as mulheres foram expropriadas de um patrimônio de saber empírico, relativo a ervas e remédios curativos, que haviam acumulado e transmitido de geração a geração.”

Para contornar a situação, o filme foi exibido para turmas da EJA em Feira de Santana, onde promoveu um rico debate sobre plantas e benzimento, reforçando a eficácia do projeto em atingir seu objetivo.

Além disso, as plantas medicinais foram inventariadas em um catálogo, que une o saber popular com o conhecimento científico ao evidenciar os princípios químicos das plantas. O catálogo, assim como o documentário, reflete o conceito de “diálogo de saberes”, conforme

defendido por Floriani (2007), e demonstra que o conhecimento ancestral das benzedeiras é uma forma legítima de ciência, contribuindo para a valorização cultural da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa alcançou seus objetivos ao documentar os saberes das benzedeiras por meio de um minidocumentário e de um catálogo de folhas. Embora a falta de apoio de escolas locais tenha evidenciado a desvalorização desses conhecimentos por parte de instituições que ainda operam sob uma lógica colonial e racista, a exibição do mini documentário em Feira de Santana provou o sucesso do projeto em promover o diálogo e a alfabetização científica.

Ao integrar o saber ancestral das benzedeiras com o conhecimento científico, a pesquisa demonstrou que as práticas populares são uma ciência legítima e valiosa. O estudo contribui para a desconstrução de visões coloniais e racistas, ressaltando que o conhecimento tradicional é um importante patrimônio cultural e científico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm.
- CAMURÇA, Marcelo; SILVA, Ozaiais da Silva. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afro-brasileiras. *Revista OQ*, v. 5, n. 6, 2022.
- CAVALCANTE, Jeronimo Jorge; SILVA, Edlania de Paiva; CAVALCANTE, Fabiana Lopes. Método (auto) biográfico e a pesquisa formação. *Investigação Qualitativa em Educação*, v.1, p. 1668-1697, 2017.
- CHASSOT, Ático. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. *Revista brasileira de educação*. N. 22. 2003.
- FERREIRA, Gustavo Wada. O uso de plantas nas curas populares: Saberes e Educação. Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolpho Jungers Abib. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.
- FLORIANI, Dimas. Diálogo de saberes: uma perspectiva socioambiental. In: FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, v. 2, p. 107–116, 2007.
- FEDERICI, S. Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2018.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 3, p.20-29, São Paulo, 1995.
- HAMPATÊ BÂ, Amadou. Tradição Viva. Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 37, n. 2, p. 446-460, 2017.
- PEREIRA, Aldo Aoyagui Gomes; DOMINGUES, Silmara Rodrigues; CARVALHO, Aline Rodrigues de. O documentário de divulgação científica: tipos e potencialidades de uso no ensino de ciências. *Comunicações*, Piracicaba, v. 26, n. 1, p. 241–267, jan./abr. 2019.
- ROCHA, Vivian. Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias. São Paulo, 2010.